

A AUSÊNCIA DE HISTORIOGRAFIA SOBRE A ARQUITETURA MODERNA SANTISTA

JAQUELINE FERNÁNDEZ ALVES¹

RESUMO

Trata-se de um artigo relacionado às questões da documentação e da preservação da arquitetura moderna santista ou da falta delas. Santos, uma cidade portuária que se desenvolveu através da exportação, conseguiu, a duras penas, preservar a arquitetura remanescente do período áureo do café. As iniciativas efetivas dessa preservação em âmbito local só aconteceram por volta do final do século passado (1990). Antes, somente tombamentos das esferas estadual e federal eram efetivados na cidade. A Arquitetura Moderna Brasileira tem seu auge nos anos 1950 e é nesse período que a modernidade chega à cidade de Santos, não obstante a sua verticalização. Essa arquitetura é em sua grande maioria de versão moderna e pontualmente pode ser observada a produção de projetos e a construção de edifícios institucionais, escolares, sociais e residenciais, erguidos como exemplares da versão canônica da Arquitetura Moderna Brasileira. Dessa produção muito pouco resta, não houve a possibilidade de preservar antes de descaracterizar. O estudo de caso de um edifício remanescente dessa produção - o Clube Atlético Santista, projeto dos arquitetos Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Correia Gonçalves, demonstra como parte da memória recente não foi valorizada. Embora haja um conselho de preservação municipal, a leitura dessa arquitetura, como de interesse, é pífia. Os exemplares modernistas da arquitetura santista correspondem a propósitos que fundamentaram a Arquitetura Moderna Brasileira, ou seja, exemplares coerentes ao ideário modernista, mas têm características próprias, diretamente influenciadas pela formação dos profissionais que atuaram na cidade, incluindo-se também as novas tecnologias como outro fator determinante. O mercado imobiliário em expansão, somado às referências culturais dos compradores familiarizados às novidades da modernização do país e dos costumes são as principais características dessa arquitetura, o moderno se manifestando de acordo com cada civilização cultural, própria e adequadamente imposto.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura moderna santista; preservação, Santos.

INTRODUÇÃO

Há cerca de quinze anos, o interesse pelo estudo da Arquitetura Moderna na cidade de Santos, ou seja, o estudo acerca da produção modernista brasileira causou-me certa curiosidade. O trato direto com a preservação do patrimônio histórico e cultural como atividade profissional principal é que me levou ao interesse do patrimônio moderno. No início dos estudos, havia certa confusão entre a tênue separação em descrever essa arquitetura ou simplesmente contar a sua história, já que são poucos os exemplares desse período de interesse que apresentavam naquele momento todas as suas características originais. Em contrapartida, era escassa a produção historiográfica sobre a Arquitetura Moderna em Santos e na Região da Baixada Santista.

A produção da Arquitetura Moderna no Brasil está retratada e entendida como aquela reconhecidamente de desenho feito por arquiteto famoso, ou ainda de cidade maravilhosa. Contudo, o que se revela na região é a presença de vários edifícios, sem autoria erudita, mas que desenharam e criaram a identidade moderna da cidade. A

feição da cidade de Santos sempre foi voltada para o lazer na orla marítima. Portanto, a maioria dos edifícios modernos construídos no período entre 1940 e 1960 está à beira-mar e ao seu redor. Com isso nota-se uma produção até então nunca avaliada em seu sentido morfológico, nem tampouco inserida nos canônicos padrões modernistas ou procurando analisar a obra de arquitetos, engenheiros e construtores que buscavam através de seus projetos a afirmação da nova arquitetura brasileira, que na época da construção da maior parte desses edifícios já alcançava reconhecimento nacional e internacional através de obras de Oscar Niemeyer, entre outros.

A existência de estudos que privilegiem a Arquitetura Moderna Santista é praticamente nula e é crescente o interesse sobre a preservação da Arquitetura Moderna Brasileira. Santos é uma cidade com duas atividades muito marcantes e dissociadas: o porto e o turismo à beira-mar; esses dois opostos foram fundamentais para o desenvolvimento da cidade no período pesquisado. Partindo dessa constatação, não foi difícil identificar

vários imóveis modernistas por toda a cidade, primordialmente na orla, já que o período de maior crescimento na região se deu por volta dos anos 1950, em função da modernização das vias de acesso do planalto à baixada, facilitando o fluxo da produção do interior do estado ao porto. O incremento turístico veio a reboque e passar o fim de semana em um apartamento na praia era o que havia de mais “moderno”!

Nessa problemática pode-se afirmar que os exemplares modernistas na arquitetura santista correspondem aos propósitos que fundamentaram a Arquitetura Moderna Brasileira, ou seja, exemplares coerentes ao ideário modernista, mas com características próprias diretamente influenciadas pela formação dos profissionais que atuaram na cidade. Nota-se também a inserção de novas tecnologias determinando o modo como a arquitetura moderna foi introduzida. O mercado imobiliário em expansão, somado às referências culturais dos compradores familiarizados às novidades da modernização do país e dos costumes, soma-se às principais características do resultado formal da arquitetura produzida em Santos.

A escassez de estudos, quer sejam acadêmicos, quer literários, desenvolvidos por organismos públicos ou privados referentes à produção arquitetônica própria das cidades se reflete nas palavras de Argan, que afirma ser o modernismo um resumo das correntes artísticas

que se propõem a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista econômico e tecnológico da civilização industrial. Para ele, o resultado da arquitetura moderna é distinto de acordo com as diversas situações culturais e sociais. (ARGAN, 2001)

No Brasil dos anos 1950, o modernismo foi extremamente popular, chegando a se inserir no cerne da identidade nacional e a representar um papel fundamental na cultura brasileira. A partir daí, essa década se tornou um momento sem igual para o desenvolvimento da autoimagem da nação. Isso não se deve apenas ao sucesso de sua Arquitetura Moderna no estrangeiro, mas ao relativo otimismo, à relativa estabilidade política e econômica e, principalmente, à aceleração do modelo de desenvolvimento nacional. O fato de que a classe média brasileira tenha adotado o modernismo como estilo e objetos de desejo constitui uma intrigante divergência, um fenômeno que merece ser investigado e pode contribuir para a historiografia da arquitetura do século XX. (LARA, 2005).

Segundo a pesquisadora Gwendolyn Wright, a arquitetura era um dos modos de modernizar o mundo. Todos experimentaram a força que destruiu o meio de vida e as normas sociais anteriores à revolução moderna, o “bom contra o mal”. O moderno se manifesta de acordo com cada civilização cultural,

mas propriamente imposto.
(WRIGHT, 1990)

AUSÊNCIA DE HISTORIOGRAFIA SOBRE A ARQUITETURA MODERNA SANTISTA

Pesquisar sobre arquitetura santista talvez não seja uma tarefa tão árdua. Foram vários os arquitetos que produziram e ainda produzem na cidade. Para exemplificar, numa simples busca ao site Dedalus¹ de produção acadêmica da Universidade de São Paulo pode-se notar o grande número de dissertações, teses e artigos relacionados ao desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista, composta pelas cidades de Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, São Vicente, Santos, Bertioga, Guarujá e Cubatão: as sedes e povoados coloniais, a arquitetura do café, o ecletismo, a Região como berço da exportação na América Latina e um escasso número de trabalhos relacionados à Arquitetura Moderna. Isso seria como uma síndrome, devido à falta de visão nos cursos de arquitetura quanto ao ensino de história. Os alunos não sabem o que “fazer com a história”. Essa dissociação da história e do projeto afeta diretamente a formação profissional. Nos Estados

Unidos, no início do século passado, a escola de arquitetura adotou o ensino de história como sendo apenas o estilístico, a história da arquitetura americana passava por outro viés. É esse ensino estilístico que os alunos usariam como prática de projeto o que limita a criatividade; a prática de teoria contra as práticas projetuais. (WRIGHT, 1990).

O contraponto que se deseja fazer no que se refere à arquitetura santista é que a produção se tornou uma repetição e cópia, como os padrões pré-determinados antes existentes na Escola de Belas Artes, onde o que se aprendia era o Vignola, tratado prático e elementar das cinco ordens da arquitetura, que deveriam ser seguidos por seus estudantes. Certamente um dos problemas enfrentados por nossa sociedade e que acarretou na decorrente escassez de entendimento do que seria a Arquitetura Moderna, não somente pilotis e azulejos, mas um pensamento social abrangente de mudança de paradigmas e posturas de uma sociedade. Mais especificamente, o movimento moderno mostra que o que se aplicou nas grandes cidades foi um modelo adaptado ao mercado imobiliário e isso se configura, em parte, na formação dos profissionais que ali atuavam.

No repertório existente da Arquitetura Moderna Santista, há um conjunto de obras que raramente se relaciona com seu entorno.

¹ www.usp.br/sibi

Warchawchik, um dos pioneiros do modernismo no Brasil, construiu no centro histórico um edifício de escritórios, projetou um estádio para o município (nunca construído) e ergueu um edifício a uma quadra da orla; Pedro Paulo de Melo Saraiva e Sigbert Zanetini construíram e projetaram Clubes Sociais, o primeiro, o Clube XV foi recentemente demolido e o segundo o Clube Sírio Libanês nunca saiu do papel. O único exemplar modernista dessa atividade é o erguido por Ícaro de Castro Melo e Oswaldo Correa Gonçalves, o Clube Atlético Santista, atualmente com restrição de uso e descaracterizado. Hélio Duarte e Zenon Lotufo corresponderam ao mercado imobiliário, erguendo edifícios multifamiliares de grande qualidade plástica e de acordo com o exigido pelo mercado imobiliário. Ainda entre os arquitetos citados há Décio Tozzi, Abrahão Sanowicz e Julio Katinsnky com correspondência à linguagem brutalista paulista. Cita-se também a produção de Artigas, com uma residência unifamiliar

atualmente tombada pelo organismo de preservação municipal, além de uma Escola Estadual erguida em Itanhaém. Tampouco se pode esquecer do Museu nunca construído de Lina Bo Bardi na Praia de São Vicente. Esses testemunhos comprovam que a cidade de Santos e Região de alguma forma entendiam e consumiam esse modernismo, porém esses são raros exemplos comparados à quantidade de construções na época levadas a cabo por construtoras locais e escritórios técnicos que tinham suas sedes na capital e filiais na cidade de Santos.

Todos esses profissionais citados têm uma relação com a cidade; eruditos, conhecidos, canônicos ou não, mas, certamente, são os responsáveis pelo crescimento sem precedentes ocorrido na cidade no período de estudo, o que criou uma diversidade tipológica presente em vários exemplos de edifícios com usos diversificados e com programas arquitetônicos distintos.

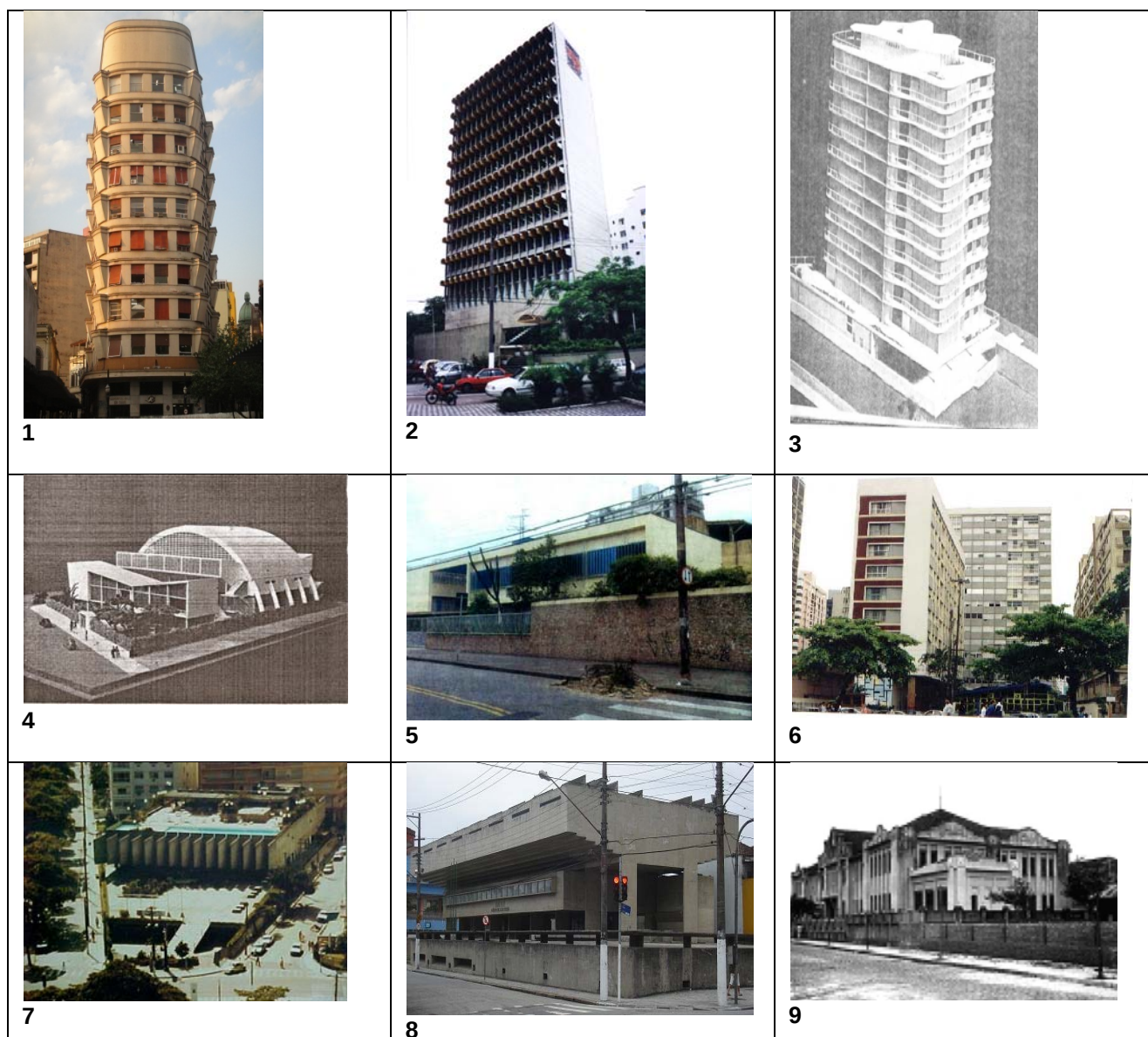


Fig 1

1 Edifício Sulacap de Roberto Capelo, 1939 (?) uso serviços; 2 Edifício da Prodesan de Luigi Vilavecchia e Flávio Pastore, 1966, uso institucional; 3 Edifício Itamaraty de Zenon Lotufo , 1957, uso residencial; 4 Clube Atlético Santista de Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Correa Gonçalves, 1947, uso social e esportivo; 5 Residência de Vilanova Artigas, 1947, uso residencial; 6 Condomínio Indaiá de Hélio Duarte e Ernst Mange, 1952, uso residencial, descaracterizado em 2010; 7 Clube XV de Pedro Paulo de Mello Saraiva e Francisco Petracco, 1963, uso social, demolido em 2001; 8 Escola Estadual Acácio de Paula Leite Sampaio de Décio Tozzi, 1963, uso escolar; 9 Colégio Canadá de Polidoro Bittencourt, 1934, uso escolar.

Fonte: Imagens 1,2,5,6,8, fotos de Jaqueline Fernández Alves, Imagens 3 e 4 Revista Acrópole; Imagem 9 Fundação Arquivo e Memória de Santos

O CLUBE ATLÉTICO SANTISTA²

O Clube Atlético Santista, eleito para exemplificar a produção arquitetônica de Santos no período moderno e a consequente perda de interesse para preservação, teve sua sede projetada por dois arquitetos modernos, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Ícaro de Castro Melo, este último com vários de seus trabalhos voltados para arquitetura desportiva.

Oswaldo Correia Gonçalves era santista, com uma vasta produção pela Região da Baixada. Era discípulo da Escola Politécnica de São Paulo, o que o tornou, em 1941, engenheiro-arquiteto, embora acreditasse que a vida profissional tivesse lhe ensinado as verdadeiras razões da arquitetura e do urbanismo. Adota o funcionalismo de Le Corbusier e recebe forte influência de Oscar Niemeyer, adotando pilares em “V”, marquises e rampas em suas obras.

Ícaro de Castro Mello nasceu em São Vicente e era esportista. Formou-se pela mesma escola de engenharia que Oswaldo, embora o

seu início tenha sido na Escola de Engenharia Mackenzie. Terminou o curso em 1935 e especializou-se durante sua carreira a projetar e construir edifícios para o esporte.

Ambos fundaram o Instituto de Arquitetos de Brasil de São Paulo e participaram dele, o que denota sua preocupação com a formação do arquiteto e da propagação dos ideais modernistas discutidos no período no Brasil.

O projeto do Clube Atlético era completo para a Região. Com ginásio coberto elevado e piscinas sociais, vestiários, salão de festas, ampla área verde de convívio além de quadras de bocha e tamboréu. A pujança do edifício traria um novo atrativo arquitetônico para um bairro misto entre residencial e de serviços.

A fragilidade das atividades e a consequente falta de associados fizeram com que sofresse o mesmo destino da maioria dos clubes sociais da cidade, descaracterizações e deterioração. Atualmente, um anexo, construído nos anos 1970, foi vendido com o objetivo de atender a atividades comerciais.

²As informações sobre o Clube Atlético Santista foram obtidas a partir do Trabalho de Graduação Interdisciplinar do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNISANTA, de autoria de Karolline Valverde Araújo, intitulado “Projeto de Revitalização do Clube Atlético Santista e Proposta de Centro Aquático para a Cidade de Santos”, de 2010.

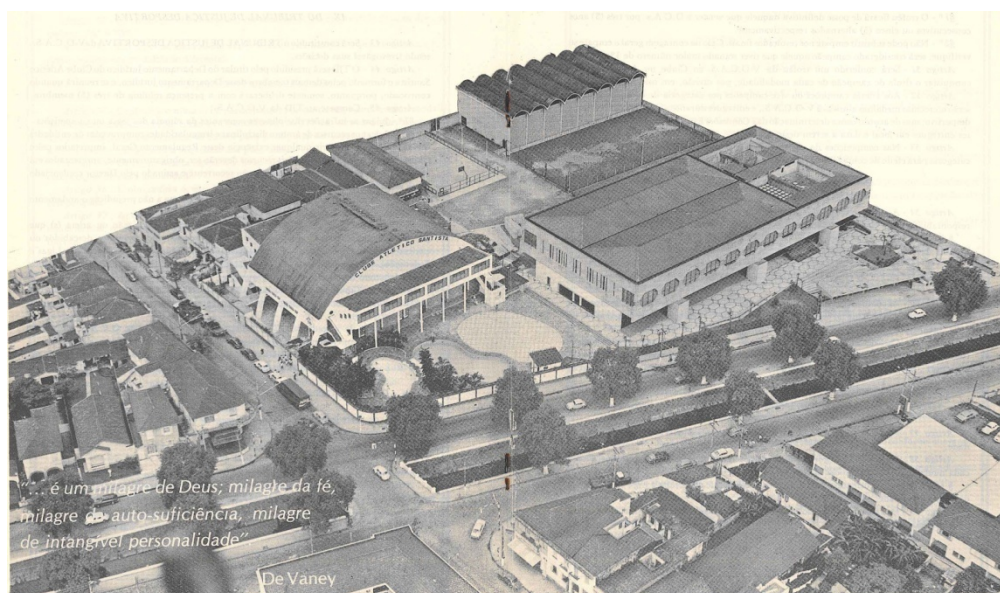


Fig 2 Foto aérea do conjunto, com os edifícios anexos já construídos



Fig. 3 Foto aérea, ginásio e piscinas..



Fig. 4 Proposta de revitalização do edifício modernista e criação de complexo de piscinas para competição.

Fonte: Fig. 2,3 e 4: Karolline Valverde Araújo, 2010

INDEFINIÇÕES

A busca de informações sobre a produção da arquitetura moderna santista, seja ela acadêmica ou literária, é escassa. O que se sabe é da publicação dessa arquitetura em revistas da época e periódicos; no caso santista, a revista *Acrópole* era uma das mais presentes.

A crítica à ausência da historiografia no caso de Santos, assim como de outras cidades brasileiras, se faz por conta da dimensão e dificuldade existentes para encontrar referências dessa produção. O interesse na manutenção dessa arquitetura é inexistente. Não há como encontrar dados que nos mostrem como é a

“história do projeto”, ou ainda a “história da história do projeto”.

Há outro aspecto importante referente ao reconhecimento da Arquitetura Moderna como de importância para preservação e restauração no panorama nacional, o que inclui a cidade de Santos. Segundo Fernando Diniz, há alguns fatores preponderantes:

A própria atenção que arquitetos modernos dispensaram à funcionalidade que, conjugada com a rápida obsolescência funcional, traz dificuldades para se encontrar e introduzir novos usos; a dimensão material do edifício que inclui problemas como o uso de materiais novos sem tradição construtiva, o uso de materiais tradicionais de forma inovadora, a falta de

entendimento do desempenho dos materiais em longo prazo, as falhas na construção, os problemas de detalhamento e o uso de materiais fabricados em série; os sistemas de infraestruturas (aquecimento, ar condicionado, água, eletricidade, etc), que precisam ser substituídos para que o edifício continue em uso, o que geralmente acarreta problemas de adequação; a ausência de uma cultura da manutenção, que afeta diretamente os edifícios modernos; a dificuldade de aceitação da pátina nos edifícios modernos, visto que os materiais e superfícies reluzentes das publicações de época fizeram com que os sinais deste envelhecimento não fossem compreendidos como um valor; as dificuldades enfrentadas pelos conjuntos habitacionais que não conseguiram acompanhar as transformações sociais como o envelhecimento, enriquecimento e empobrecimento de suas populações; e os problemas existentes no reconhecimento e tombamento desta arquitetura. Apesar de estes desafios questionarem o arcabouço teórico da conservação, não acreditamos que a conservação da arquitetura moderna deva ser diferente da conservação de obras de um passado mais distante. (DINIZ, 2003)

A cidade de Santos raras vezes se preocupou em revelar o que é de interesse para a preservação da Arquitetura Moderna. Dessa forma, é necessário o reconhecimento para que possa ser estudada e entendida e para que posteriormente possa ser preservada e para que a sociedade

consiga estabelecer as suas relações.

O objetivo principal deste texto foi o de mostrar que a Arquitetura Moderna Brasileira está além dos cânones. Essa arquitetura hoje é incompreendida pela população que a consome e que a descaracteriza sem mesmo tê-la entendido. Embora venha tratar-se de um texto onde a preocupação é mostrar que não há historiografia santista eficiente, há uma dificuldade latente de desvincular as questões relacionadas à situação econômica atual. Com a autoestima nacional revelada mais uma vez em menos de um século, e com o poder aquisitivo melhorado, pode-se criar então uma nova estética na cidade, sem ter compreendido muito bem a que lhe precedeu, descaracterizando-a por completo.

Não há políticas públicas nacionais totalmente eficientes para preservação do patrimônio histórico. Existem, mas não são efetivas. Cita-se como exemplo o belo edifício recentemente descaracterizado do arquiteto Hélio Duarte na orla, simplesmente porque precisavam modernizá-lo, “aquele painel era muito velho”, disseram seus moradores. Sem políticas públicas, não há população que se dê conta de sua memória. Somado a isso, ainda há a tateante educação patrimonial. Cabe a nós então o compromisso da pesquisa.

As escolas de graduação e pós-graduação em arquitetura também deveriam colocar em suas pautas e

conceitos as preocupações referentes a novas pesquisas que não sejam sempre as mesmas crônicas canônicas contadas de formas diferentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jaqueline Fernández. Arquitetura à Beira Mar, Santos entre 1930 e 1970. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU/USP, 2000.

ARANTES, Pedro Fiori. Reinventando o Canteiro de Obras. In Andreolli, E. e Forty, A. (org) Arquitetura Moderna Brasileira. Londres: Phaidon, 2004.

ARAÚJO, Karolline Valverde. Clube Poliesportivo. Projeto de Revitalização do Clube Atlético Santista e proposta de Centro Aquático para a Cidade de Santos. Trabalho de Graduação Interdisciplinar. Santos: Unisanta/Fausc, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. PROJETO E DESTINO. Editora Ática. São Paulo: 2001. In Alves, Jaqueline Fernández. Op. Cit. pg. 51.

CAVALCANTI, Lauro. Ainda Moderno? Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

LARA, Fernando. A Insustentável Leveza da Modernidade. Portal

Vitruvius. Textos Especiais. Arqtextos nº276, fevereiro de 2005.

MARTINS, Carlo A. Ferreira “Hay algo de irracional...” Apuntes sobre la historiografia de la arquitectura brasileña. Buenos Aires: Revista Block nº4, 1999.

MOREIRA, Fernando Diniz. Os Desafios Postos pela Preservação da Arquitetura Moderna. Recife: Artigo publicado no 19º Congresso de Arquitetos, 2009.

SILVA, Joana Melo de Carvalho e. O Arquiteto e a Produção da Cidade. A Experiência de Jacques Pilon em Perspectiva (1930-1960). Tese de Doutorado. São Paulo: FAU USP, 2010.

SUZUKI, Juliana. Idealizações da Modernidade Edifícios Verticais em Londrina, 1949-1969. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU/USP, 2007.

WISNICK, Guilherme. Modernidade Congênita. In Andreolli, E. e Forty, A. (org) Arquitetura Moderna Brasileira. Londres: Phaidon, 2004.

WRIGHT, Gwendolyn. Building Global Modernisms. In Grey Room nº 7. 2002. Notas de Aula.

_____ e PARKS Janet (org). The History of History in American Schools of Architecture. 1865-1975. Nova York:

Columbia University/Princeton
Architectural Press, 1990.

¹**Jaqueline Fernández Alves.** Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Pós Graduação Patrimônio Cultural – Memória e Preservação da Universidade Santa Cecília. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2000. Pós-graduada em Restauração de Patrimônio Histórico pela Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid em 1992. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos em 1985 e diretora do escritório de restauração GEPAS arquitetura e restauração Ltda. desde 1988. Rua Nabuco de Araujo nº 139 ap. 81, Santos SP, CEP 11.025-010. Telefone: (013) 9708-2515. Contato: j.fernandez.alves@uol.com.br